

O PM PARTEIRO

» LEILANE MENEZES

Quando um policial militar sai de casa para um dia de trabalho nunca sabe o que vai encontrar pela frente. Não há como prever se terá de apertar o gatilho da arma, defender-se de agressões, separar brigas ou prender alguém. As surpresas, no entanto, também podem ser boas. O sargento do 4º Batalhão de Polícia Militar, na Estrutural, Edivaldo Alves da Silva, 43 anos, 23 deles dedicados à corporação, surpreendeu-se de forma positiva pelo menos 24 vezes. Esse é o número de partos emergenciais feitos por ele em serviço.

Policiais e bombeiros que ajudam gestantes em momentos críticos não são tão raros assim. Muitas vezes, os números de telefone das emergências das duas instituições são os primeiros a serem lembrados nessas horas. Mas nem sempre há tempo de alcançar o hospital mais próximo. Edivaldo é um recordista. Nenhum PM no DF fez mais partos do que ele, segundo dados da própria corporação. O recorde existe há pelo menos 15 anos.

Edivaldo espera ultrapassar essa marca, apesar de estar fora das ruas atualmente. Ele foi cedido à Escola de Formação de Praças da PM para treinar os novatos. O oficial fala dos partos como se — para alguém que não é médico — fosse comum ajudar a trazer ao mundo 24 vidas. O primeiro nascimento auxiliado por ele ocorreu em 1989. Edivaldo tinha pouco mais de um ano na PM. Uma mulher pediu ajuda pelo serviço 190. O sargento, à época soldado, seguiu até a QR 515 de Samambaia sem saber detalhes da ocorrência. A cena dentro da casa humilde surpreendeu os policiais: uma mãe se contorcia no chão, cercada por muitos filhos. Em poucos minutos, ela teria mais uma criança. “Lembro que ela estava muito nervosa. Eu disse: ‘Calma, eu sei o que estou fazendo, fique tranquila’. Ela acreditou, eu também e tudo terminou bem.

Wanderlei Pozzebom/CB/D.A Press - 11/2/96



Em 1996, o Correio registrou o agradecimento de Laura Vieira pelo policial ajudá-la a dar à luz Ana Cristina

Nascimentos

O Corpo de Bombeiros organizou um levantamento sobre os números de partos feitos por membros da corporação entre 1999 e 2010. No primeiro ano, foram 4.319. A quantidade diminuiu de maneira significativa a partir de 2006, quando registraram 2.365 mil nascimentos em carros oficiais. Em 2010, foram somente 240.

Antes de ganhar as ruas do DF, um policial militar recebe noções de primeiros socorros para agir em casos de emergência. Edivaldo recordou cada instrução do treinamento sem perder a calma. “Na hora, não dá para ficar nervoso. Há uma mulher na sua frente cheia de sonhos e ela está em suas mãos. É uma pessoa que nunca te viu. O papel do policial é transmitir segurança e fazer o possível para ajudar. Quando tudo acaba é que bate um nervosismo”, afirmou.

Depois do primeiro parto, outros surgiram. Os colegas de PM brincavam com Edivaldo. Perguntavam se ele era o pai de todas aquelas crianças, se as gestantes ligavam direto para o telefone dele para combinar a hora e o local do nascimento. Piadas à parte, todos o parabenizam. “Eu não sei explicar por que fiz tantos partos, mas não chamo de coincidência. As coisas precisam de um motivo para acontecer”, avaliou.

Estrutura

No fim dos anos 1980, os carros da PM nem sempre eram novos ou bem-conservados. Havia Uno, Veraneio e Chevette. Os partos emergenciais eram feitos nesses veículos. “Era uma situação muito complicada de descrever. Três ou quatro policiais dentro do carro, mais uma gestante. Havia sangue e bolsas (de líquido amniótico) estouravam. Quando a gente chegava ao hospital é que se dava conta do cenário”, lembrou o sargento Edivaldo.

Todos os partos realizados por ele ocorreram em Samambaia. A cidade à época tinha ainda menos recursos do que apresenta hoje. Não havia Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) nem ambulâncias suficientes para o Corpo de Bombeiros. “Com o passar dos anos, a estrutura de saúde foi melhorando um pouco, e os partos feitos por policiais e bombeiros começaram a diminuir. Hoje em dia, ainda se vê, mas em quantidade muito menor”, explicou o PM.

Edivaldo recebeu dezenas de convites para ser padrinho das crianças que ajudou. “Nunca aceitei, porque ser padrinho é algo muito sério. É quase uma paternidade. Essas famílias sonharam com filhos, precisam escolher alguém muito próximo para esse papel”, justificou o policial, que tem 12 afilhados dos quais não fez o parto.

Carlos Moura/CB/D.A Press



Na hora, não dá para ficar nervoso. Há uma mulher na sua frente cheia de sonhos e ela está em suas mãos. É uma pessoa que nunca te viu. O papel do policial é transmitir segurança e fazer o possível para ajudar.”

Edivaldo Alves da Silva, recordista em número de partos na PM



VOCAÇÃO PARA FAZER O BEM

O sargento Edivaldo da Silva soube por meio de colegas que alguns dos meninos que ele ajudou a trazer ao mundo ganharam o nome dele como uma homenagem. “A maioria das famílias era muito carente. Chegamos a fazer vaquinhas no quartel para ajudar a comprar roupa e remédio”, disse. Edivaldo nunca conviveu com as crianças. “A correria do dia a dia não deixa. E são muitas ocorrências.” Atualmente, não sabe onde encontrá-las. Edivaldo fez o último parto em 1996, quando nasceu a pequena Ana Cristina Vieira. A mãe dela é a dona de casa Laura Vieira, então com 28 anos. O Correio publicou a imagem de Edivaldo com a família.

Desde os 2 anos, Edivaldo já sabia o que queria ser quando crescesse. Guarda fotos daquela

época, fantasiado de policial. A profissão, porém, não se mostrou tão fácil e divertida quanto o menino inocente imaginava. “Ser policial militar é muito difícil. A gente passa por situações inimagináveis”, contou.

O sargento pensou em desistir do ofício. Isso ocorreu quando ele atirou contra um assaltante e o matou. O PM conta que o ladrão sacou a arma para atirar nele. “O rapaz não chegou a disparar a arma, porque evitei atirando nele. Se você é policial está sujeito a isso. Mas eu não parava de pensar que ele tinha uma família, pai e mãe que sofreriam”, lamentou. Edivaldo queria abandonar o serviço quando precisou fazer um novo parto, no dia seguinte ao tiro. “Senti algo tão diferente. Foi o dia em que mais

chorei na minha vida. Considerei como um sinal de Deus, me dizendo: Siga em frente”.

Edivaldo guarda a experiência como aprendizado. “Passei a ver a vida de forma diferente, desde que fiz o primeiro parto. Ver uma nova pessoa surgindo, a vida começando, é uma emoção impossível de dizer”, afirmou. Ele é pai de dois meninos: Felipe, 12 anos, e João Luccas, 8. Não conseguiu, entretanto, acompanhar os partos dos dois. Ficou nervoso e passou mal quando viu a mulher, a fisioterapeuta Nilva Cordeiro, 38 anos, prestes a dar à luz. “Difícil acreditar, né?”, reconheceu. Edivaldo pode não saber o que virá no dia a dia, mas sempre mantém-se à espera de trazer para casa histórias de vida e não de morte.